

## APRESENTAÇÃO

Dos vinte e um artigos publicados na revista *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 1, dezessete pertencem ao eixo temático: Narrativa em primeira pessoa: romance, autobiografia, autoficção, dossiê que atraiu muitos participantes. O número de artigos recebidos ultrapassou a expectativa e, neste momento, agradecemos a todos os autores, àqueles que tiveram seus trabalhos aceitos e aos demais, convidando-os a participar dos próximos números revista. Os outros quatro artigos publicados fazem parte da seção *Varia*. Em relação ao número de Instituições de Ensino Superior que participaram, contamos, no total, com a participação de autores de dezenove IES do Brasil e três IES do exterior.

Dr. RICARDO AUGUSTO DE LIMA e a doutoranda MARINA STUCHI, ambos da Universidade Estadual de Londrina (UEL), discutem, no artigo intitulado O EU É OUTRO: PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA NA AUTOFICÇÃO, a notável presença de textos autoficcionais na literatura contemporânea, após o surgimento do conceito em 1977, debatido exaustivamente nos anos que seguem. Os autores se debruçam sobre um novo movimento, consequência do choque triplo entre teoria, crítica e prática literária, que gera hoje exemplos de extrapolação dos limites previamente definidos para o gênero supostamente estável e demonstram que a autoficção encontra diferentes formas e modos narrativos, não mais presos aos primeiros traços que a caracterizavam ou buscavam fazê-lo.

No artigo ENTRE VIVER E CONTAR: A CRIAÇÃO DE UM “ESPAÇO AUTOFICCIONAL” NA OBRA DE SALIM MIGUEL, a Dra. ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR), apresenta um estudo da obra ficcional de Salim Miguel, centrado nas diferentes estratégias de figuração de si utilizadas com vistas a embaralhar as fronteiras entre vida e obra. No intuito de refletir sobre como isso se dá, seleciona seis obras representativas: *A morte do tenente e outras mortes* (1979), *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* (1987), *Primeiro de abril: narrativas da cadeia* (1994), *Onze de Biguaçu mais um* (1997), *Nur na escuridão* (1999) e *Reinvenção da infância* (2009), nas quais, segundo a autora, sobressaem aspectos que apontam para a necessidade premente de debater a presença incômoda do autor em seu texto. A partir dessa perspectiva analítica, objetiva refletir sobre a criação de um “espaço autoficcional” na obra de Salim Miguel como lugar de encontro do ficcionista/coleccionador de histórias com a sua própria experiência e, igualmente, lugar de recriação dessa experiência limiar entre o “ato de viver” e o “ato de contar”.

VIVIANE MICHELLINE VELOSO DANESE, doutoranda da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em seu artigo QUASE UMA SINCERIDADE EM QUASE MEMÓRIA: QUASE ROMANCE DE CARLOS HEITOR CONY, demonstra que a incompletude do passado e do presente favorecem a memória como fator de recriação, reconstrução e manipulação, e propõe que a costura entre literatura e história se dá por meio da memória que busca incessantemente uma identidade. Para isso, ela discorre sobre essa costura em

*Quase memória: quase romance*, de Carlos Heitor Cony, que apresenta características de uma biografia ficcional, ainda que, segundo ela, seja classificado como romance. Enfatiza também o embate entre os discursos historiográficos, memorialísticos e ficcionais que perpassam toda a narrativa, e que pode ser também percebido na própria biografia do autor.

O artigo TRANSFIGURAÇÕES DO TESTEMUNHAL NA NARRATIVA DE JAIME BEGAZO, da Dra. TATIANA DA SILVA CAPIVERDE, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), trabalha a temática da investigação sobre uma pretensa verdade extraliterária relacionada ao conto “Emma Zunz” de Jorge Luís Borges, bem como a estrutura da obra em forma de entrevista, que coloca em diálogo o narrador em primeira pessoa (com traços biográficos de Begazo) e um Jorge Luís Borges ficcionalizado, que podem ser apontadas, segundo a autora, como formas de aproximação aos gêneros biográfico e policial na novela *Los Testigos* (2015), de Jaime Begazo. Ela demonstra que os dois gêneros são apropriados e transfigurados, pois não são legitimados pelo pacto do realismo ou da verdade. Desta forma, segundo a autora, Begazo utiliza somente o artifício do memorial e do testemunhal, transfigurando os dois gêneros e discutindo metafictionalmente a inconfiabilidade da matéria narrada e os limites tênues entre a realidade e a ficção no texto narrativo.

A Dra. MARIA IRANILDE ALMEIDA COSTA, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no artigo “ISSO NÃO SOU EU QUE DIGO, É B QUE PENSA”: O AUTOR EM CENA NO LIVRO *PUTAS ASSASSINAS*, DE ROBERTO BOLAÑO, propõe-se a analisar o livro de contos *Putas assassinas* (2008), do escritor chileno Roberto Bolaño, destacando o modo como se comporta a escrita autoral que coloca em suspeição o lugar da escrita ao denunciar uma ficção enlaçada à própria história pessoal do autor. Nessa proposta, ela encaminha uma discussão para o encontro com o autor ficcionalizado nos contos, cujo viés autoficcional é muito pronunciado, segundo a autora, e que, por essa razão, faz revelações da formação literária de um escritor, utilizando a própria literatura como tema, em um processo de autorreferenciação. O crítico literário, o adolescente talentoso e promissor, o jovem que se descobre e também se perde nos vários exílios sempre com o livro como companhia, o escritor que designa à escritura uma força vital, todos parecem convergir, segundo a autora, para o próprio Bolaño, um autor que, mesmo quando dissimula uma ausência textual, aponta para si e para suas experiências pessoais.

O artigo intitulado AUTOFICÇÃO EM *VIDA QUERIDA*, DE ALICE MUNRO, da Dra. LEILA CRISTINA DE MELO DARIN, da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), demonstra como estudos sobre a autoficção, conceito postulado por Doubrovsky, têm conduzido a considerações críticas cada vez mais instigantes sobre a tênue demarcação das fronteiras entre ficção e autobiografia e sobre a construção de narrativas literárias. O presente artigo discute essa temática com base na proposta explicitada pela escritora canadense Alice Munro, de incluir quatro histórias autobiográficas na coletânea de contos *Vida Querida* (2013). Na discussão das narrativas autobiográficas, a autora destaca os recursos literários utilizados por Munro e examina, com especial ênfase, o papel dos paratextos

dentro e fora do livro (prefácio autoral), que estabelece um pacto paradoxal com o leitor.

O Dr. EDSON RIBEIRO DA SILVA, da UNIANDRADE – PR, em seu artigo CONFIGURAÇÕES DO ROMANCE-DIÁRIO COMO POSSIBILIDADES DE FLUIDEZ DO GÊNERO ROMANCE, demonstra que, conforme Bakhtin, o romance incorporou a diversidade linguística, sem possuir uma configuração estética própria, como gênero literário. Assimilou formas específicas de gêneros não-literários, sobretudo os de escritas de si, como autobiografias, cartas e diários. Segundo o autor, o romance-diário, como subgênero ou modalidade literária, assimila do diário algumas especificidades que identificam a relação formal entre ambos. No entanto, ainda segundo o autor, o romance-diário tem se caracterizado por fazer experiências com a configuração daquele gênero, através da elaboração de configurações que confirmam a fluidez do romance, enquanto incorporam do diário características, como o uso da primeira pessoa e da narração próxima do presente do narrado. Ribeiro da Silva observa, no presente artigo, possibilidades de configuração do romance-diário que confirmam a fluidez do romance a partir do reconhecimento da inter-relação entre os gêneros.

SUELI GOMES DE LIMA, doutoranda do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), em seu artigo FICCIONALIZAÇÃO DE SI OU ENIGMAS AUTOBIOGRÁFICOS: ENCENAÇÃO DA SUBJETIVIDADE LITERÁRIA EM MARIA GABRIELA LLANSOL, reflete sobre a encenação da subjetividade literária de Maria Gabriela Llansol, no *Diário I – Um falcão no punho*. Para tanto, ela se atém às postulações teóricas que envolvem a tríade escrita – obra – autoria, bem como às noções de autobiografia e de autoficção. A começar pela enunciação, que se dá ora na primeira, ora na terceira pessoa, nos diários de Llansol, há uma ruptura com a concepção do gênero diário, segundo a autora. Diferentemente de um diário convencional, diz ela, que se presta a registrar os acontecimentos da vida de quem o compõe, os diários de Llansol causam estranheza, porque vão além de simples relatos de acontecimentos cotidianos da vida da autora.

O artigo POSSIBILIDADES DO DIÁRIO ÍNTIMO NO ROMANCE LUMINOSO, DE MÁRIO LEVRERO, do Dr. MARCELO BARBOSA ALCARAZ, das Faculdades São Braz, (Curitiba, PR), problematiza o gênero diário íntimo no *Romance luminoso*, narrativa do autor uruguaio Mario Levrero, bem como a impossibilidade de escrever um romance após o recebimento da bolsa Guggenheim. O autor informa que este diário é um prólogo imenso do *Romance luminoso* e trata-se, ainda, de uma prática ocidental complexa que, de certo modo, legitima socialmente a existência dos sujeitos, possibilitando também um “olhar-se no espelho”, em um movimento de subjetivação. O diário íntimo normalmente é avaliado, segundo o autor, como uma escrita cotidiana, burocrática. Contudo, a partir dessa escrita mais burocrática, na qual se registram fatos banais que comumente constituem um diário, segundo Alcaraz, encontram-se outros elementos que ampliam suas possibilidades, principalmente a consciência da trajetória pessoal e a escolha pela literatura como um exercício cotidiano de liberdade.

VALÉRIA IGNÁCIO, doutoranda da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), em seu artigo intitulado O PARADOXO CONTEMPORÂNEO QUE ARTICULA VERDADE E AUTOFICÇÃO NO TESTEMUNHO, descreve que a produção teórica

crescente sobre a autoficção nas últimas décadas ainda deixa lacunas quanto às relações do fenômeno com os relatos de teor testemunhal. Neste artigo ela objetiva problematizar as escritas da memória e da experiência traumática, quando amparadas em um contrato de ambiguidade, e interrogar em que medida a autoficção compromete a legitimidade do testemunho. Para isso, escolheu a novela *Os visitantes* (2016), do escritor Bernardo Kucinski, ambientada na ditadura civil-militar brasileira. Segundo Inácio, pode-se inferir que a paradoxal presença do referencial histórico e de estratégias autoficcionalistas na operação narrativa concorre para potencializar a verdade testemunhal e a produção de sentidos em relação à experiência de violência e à história oficial.

O Dr. MARCELO FERNANDO DE LIMA, da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR), no artigo “AS COISAS NÃO ESTÃO ASSIM TÃO MAL DENTRO DA MINHA PELE”: A AUTOFICÇÃO EM *TANTO FAZ*, DE REINALDO MORAES, mostra que, acompanhando uma tendência da literatura contemporânea, a prosa literária brasileira tem procurado, nas últimas décadas, representar a experiência do indivíduo por meio de formas cada vez mais subjetivas. O propósito do autor do texto é observar no romance *Tanto faz*, de Reinaldo Moraes (1981), a ocorrência da autoficção. O artigo está organizado em dois segmentos: no primeiro, o autor discute a ascensão dos relatos subjetivos na literatura e da autoficção; no segundo, ele mostra como se manifestam na literatura brasileira contemporânea e no romance de Reinaldo Moraes.

O artigo O EU PARODIADO: O RIDÍCULO, O HUMOR E O IMPERATIVO DA MEMÓRIA EM *DIARIO DE UNA PRINCESA MONTONERA*, DE MARIANA EVA PEREZ, da Dra. IZABEL FONTES, da Universidade de Hamburgo (Alemanha) analisa o romance autoficcional *Diario de una princesa montonera* da escritora e pesquisadora argentina Mariana Eva Perez. Como a pesquisadora sugere, a obra faz parte da tendência atual de escritos em primeira pessoa que revisitam os anos de violência da última ditadura argentina a partir da própria história familiar. Por sua origem, a romancista sempre esteve envolvida na luta pela justiça social e direitos humanos. Em *Diario*, no entanto, segundo Fontes, a autora revisita o próprio luto usando o humor e o ridículo, parodiando os discursos de memória e da primeira pessoa, usando ficção para fazer piadas com o “imperativo da memória”.

O Dr. MARKUS EBENHOCH, da Universidade de Salzburgo (Áustria), em seu artigo EL “YO POBRE” EN LA LITERATURA TESTIMONIAL, discute o discurso narrativo na literatura de testemunho, um gênero que, segundo o autor, se enquadra nos textos *life writing* e se caracteriza por um “eu” ambíguo, colaborador e polifônico. Neste “eu” ressoam, por um lado, a voz da testemunha dos acontecimentos vividos como representante dum grupo específico e, por outro lado, a voz do autor da obra. A análise do “eu pobre” em dois obras clássicas da literatura de testemunho, *Hasta no verte Jesús mío* (1969) de Elena Poniatowska e *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (1983) de Elizabeth Burgos, mostra, segundo Ebenhoch, que a representação da pobreza dá coerência narrativa assim como sentido individual e coletivo às protagonistas-narradoras.

O Dr. PAULO RAMOS, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em seu artigo GRADAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA EM TIRAS CÔMICAS BRASILEIRAS, objetiva

discutir casos de tiras cômicas brasileiras que usam a “autorrepresentação” como estratégia para a construção do humor. Ao autor postula que existe nelas uma gradação autobiográfica. O desenhista representaria a si para mostrar uma situação: 1) realmente vivida por ele; 2) dúbia, que tanto pode ser real quanto ficcional; e 3) ficcional. Dada a natureza do tema, o escopo teórico, empregado pelo autor, será uma interface entre estudos relacionados aos quadrinhos e à literatura, com particular interesse nos conceitos de Philippe Lejeune. Os exemplos analisados são de autores brasileiros que têm utilizado o recurso, tanto em produções veiculadas em jornais e livros quanto em ambientes digitais.

As autoras Dra. MARIA ÂNGELA DE ARAÚJO RESENDE, da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e JAQUELINE DE ALMEIDA FREITAS, doutoranda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em seu artigo *SEGREDOS ESCONDIDOS ÀS CLARAS: UMA LEITURA DE SANTIAGO E MIL ROSAS ROUBADAS*, propõem um estudo comparativo do documentário *Santiago*, de João Moreira Salles, e do romance *Mil rosas roubadas*, de Silviano Santiago. Elas partem de estudos recentes em crítica biográfica para pensar a articulação entre o arquivo e a narrativa ficcional. Considerando a abordagem metafórica que as obras têm em relação à produção biográfica, pretendem lê-las em duas direções: no que toca às fronteiras entre os gêneros biografia, autobiografia e autoficção; e no que têm a dizer em relação a memória, restos e sobrevivência. Assim, o ato de narrar a vida, segundo as autoras, é uma tarefa que ultrapassa o simples relato cronológico de informações.

O artigo *EM CENA A AUTOFICÇÃO DA MORTE: J. P. CUENCA E SEUS HÍBRIDOS MONSTROS*, o doutorando DEJAIR MARTINS, da Universidade Federal Fluminense (UFF), discute as duas últimas produções de J. P. Cuenca, o livro *Descobri que estava morto* e o filme *A morte de J. P. Cuenca*. Ele analisa os diversos aspectos que permeiam as obras, como a autoficção se adequando ao relato da suposta morte do autor utilizada como premissa do enredo; a hibridização e a pluralidade de elementos narrados; a espetacularização autoral e performance midiática na contemporaneidade.

A Dra. KELLEY BAPTISTA DUARTE, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG-RS), em seu artigo *ENTRE LITERATURA E CINEMATOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA (AUTO)BIOGRÁFICA NO FILME J'AI TUÉ MA MÈRE [EU MATEI MINHA MÃE]*, faz uma leitura do filme quebequense *J'ai tué ma mère [Eu matei minha mãe]* (Xavier Dolan, 2009) para investigar o estreitamento das fronteiras entre Teoria Literária e Dramaturgia. Com seu olhar atento à produção desse filme, a autora se propõe a refletir sobre a intervenção das teorias que cercam a escrita (auto)biográfica na construção desse cenário filmico. A clássica formulação do pacto autobiográfico, de Philippe Lejeune (1975) é o ponto de partida para este artigo que também investiga novas e possíveis formas de pluralidade e estratégias de expressão e expansão do eu no espaço biográfico da sétima arte.

O primeiro artigo da seção *Varia*, intitulado *O ESPAÇO NOS POEMAS DE PARANOIA, DO POETA ROBERTO PIVA*, de autoria do doutorando LEONARDO DAVID DE MORAIS, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), propõe uma investigação da representação do espaço literário no texto poético, especificamente, nos poemas editados no livro *Paranoia*, de Roberto

Piva. Nesse sentido, o autor apresenta uma análise desse *corpus* para identificar de que maneiras o espaço literário representado nos versos de Piva influencia as imagens citadinas vislumbradas pelo sujeito lírico.

Em FICÇÕES DA PESTE: ESBOÇO PARA UM ESTUDO DO IMAGINÁRIO FICCIONAL DAS DOENÇAS, o Dr. MARCIO MARKENDORF e a Dra. RENATA DE FELIPPE, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), debatem alguns aspectos do imaginário epidemiológico presentes em diversas narrativas, a fim de sistematizar algumas das concepções culturais contidas em tais representações. Segundo os autores, é lugar comum, por exemplo, extrair de um surto epidêmico explicações religiosas ou alegóricas para as contaminações, sejam as de flagelo divino ou peste como sintoma da corrupção governamental. Por semelhantes significados eles partem da hipótese de que a representação de epidemias produz não apenas metáforas políticas, mas também consequências políticas. O tema da doença é tomado como um eixo teórico produtivo capaz de fomentar uma categoria analítica, a de ficções da peste, para tratar do fenômeno abordado.

A MORTE EM TRÂNSITO: DAS PRIMEIRAS IMAGENS A HERBERTO HELDER, artigo de autoria do doutorando FERNANDO GARCIA VELASCO, da Universidade do Porto, Portugal, enquadra a poesia de Herberto Helder em reflexões alargadas sobre as relações entre as noções e imagens de morte. Para tanto, o autor analisa o trânsito da morte através das imagens de diferentes artes, meios e culturas, designando os elos estabelecidos com a morte por diferentes tipos de imagem como pontos de vista privilegiados para a análise crítica da poesia de Herberto Helder, em que é central a questão morte-imagem.

O Dr. ALTAMIR BOTOSO, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em seu artigo intitulado TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DO ENTREMEZ *LOS MUERTOS VIVOS*, DE LUIS QUIÑONES DE BENAVENTE, se propõe a examinar a tradução inédita para o português do entremez *Los muertos vivos*, do escritor espanhol Luis Quiñones de Benavente (1589-1651), realizada pelo autor do presente artigo. Além disso, o autor comenta as escolhas feitas durante a prática tradutória, com o objetivo de refletir sobre o processo de tradução; estabelecer um diálogo entre duas culturas diferentes – a brasileira e a espanhola –; revitalizar os sentidos e possibilidades de um texto clássico; e ampliar a compreensão do leitor brasileiro em relação ao *entremez*, um gênero pouco conhecido no Brasil.

Considerando a riqueza dos assuntos abordados, a Comissão Editorial da revista *Scripta Uniandrade* v. 16, n. 1, agradece às autoras e aos autores que contribuíram para a publicação deste número e espera poder contar com sua contribuição no futuro. Nosso agradecimento também ao trabalho dos pareceristas que nos auxiliaram na seleção dos artigos e aos revisores que se debruçaram sobre os textos para que pudéssemos oferecer uma publicação condizente com a expectativa de todos, autores e leitores.

As editoras